

# FRONTEIRAS CULTURAIS E DECOLONIZAÇÃO DOS SABERES: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA EM OIAPOQUE/AP

Roberta Aurení da Silva  
Universidade Federal do Amapá  
[robertaaureniunifap@gmail.com](mailto:robertaaureniunifap@gmail.com)

Ramiro Esdras Carneiro Batista  
Universidade Federal do Amapá, Brasil  
[esdras@unifap.com](mailto:esdras@unifap.com)

**Palavras-Chave:** Interculturalidades – Formação Docente – Fronteiras amazônicas

No contexto das fronteiras geográficas e culturais que delimitam as terras indígenas na Amazônia brasileira, mais especificamente na região da fronteira binacional do baixo rio Oiapoque, caracteriza-se um espaço de câmbio linguístico e cultural que se consolida através do convívio diário entre indígenas de diferentes etnias e populações migrantes e imigrantes, oriundas principalmente, mas não exclusivamente, do Brasil e da Guiana Francesa. Diante desse contexto de fricção entre diferentes entidades linguísticas e culturais nossa investigação se detém sobre as experiências formativas do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá (CLII-UNIFAP), a fim de mensurar as possibilidades de ruptura epistemológica em relação ao legado colonial que pode se realizar no interior do espaço institucional de credenciamento de saberes dos docentes indígenas.

O escrutínio de fundação do Campus Binacional da UNIFAP em Oiapoque demonstra que o curso de Licenciatura Intercultural Indígena representa uma experiência precursora de formação docente voltada aos povos originários, precedendo inclusive à criação do próprio campus (Batista e Silva, 2025). Nessa perspectiva, o curso de Licenciatura Intercultural configura-se como itinerário comum de pessoas originárias pertencentes aos movimentos sociais, culturais e econômicos regionais, consolidando-se como espaço estratégico para refletir sobre as tensões entre o universalismo dos princípios dos direitos humanos em sua tensa relação com os particularismos culturais, então demarcados por conflitos neocoloniais que são visibilizados por reivindicações territoriais e de acesso a políticas públicas pelos povos originários da Amazônia.

Nesse sentido, o objetivo da presente investigação é compreender como uma política educacional de formação específica e diferenciada de docentes indígenas é resignificada pelos cursistas, a partir da análise de suas produções acadêmicas (com recorte nos anos de 2007–2008) em articulação com os documentos institucionais e o contexto sociopolítico da região. Nossa metodologia de trabalho consiste de uma abordagem qualitativa, fundamentada em referenciais teóricos da geografia humana das regiões de fronteira. Para o desenvolvimento da análise foram examinados trabalhos monográficos disponíveis no site oficial do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá e seus documentos complementares. Dessa maneira, a pesquisa documental assume uma perspectiva etnográfica, buscando discutir os impactos e as repercussões da formação superior específica para os povos da fronteira ao desvelar sua produção intelectual, o seu perfil profissional e, ainda, os processos de autonomia política e epistêmica anunciados pelas pessoas indígenas envolvidas nas respectivas produções acadêmicas.

Provisoriamente é possível afirmar que um projeto de formação de professores da educação básica atenta ao diálogo com os valores históricos, cosmológicos e sociais; com a memória coletiva e a história autorreferenciada dos docentes em formação é estratégico para o sucesso de uma política de educação que possa romper com o caráter assimilacionista e colonialista da escolarização estatal, que historicamente subalterniza os saberes e os modos de vida dos povos e populações designados como “minoritários” no interior dos estados nacionais (Paladino e Czarny, 2012). A análise dos primeiros resultados da pesquisa em andamento nos permite afirmar que os trabalhos de conclusão de curso dos professores e professoras formados no âmbito do CLII, dentro do recorte temporal que escolhemos, visibilizam escolhas temáticas que apontam para a necessidade de transformação das realidades das comunidades locais em sua relação com os não indígenas; bem como o fortalecimento identitário que se traduz nas reflexões sobre as próprias histórias e os próprios saberes dos professores indígenas em formação, que exercem uma relativa autonomia epistêmica no espaço da produção acadêmica.

### **Referências:**

PALADINO, Mariana; CZARNY, Gabriela (Orgs.). **Povos indígenas e escolarização: discussões para se repensar novas epistemes nas sociedades latinoamericanas**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

BATISTA, Ramiro Esdras Carneiro; SILVA, Roberta Aurení. **Educação superior e povos originários na fronteira franco-brasileira contemporânea: um olhar sobre a produção epistêmica do curso de Licenciatura Intercultural Indígena na Universidade Federal do Amapá**. PRIM@FACIE. v.24, p.145-170, 2025.